

**DEFENDA ESTE LIVRO!**  
**NÃO**  
**FOTOCOPIE**  
FOTOCOPIAS NÃO AUTORIZADAS SÃO TILICAMENTE PENADAS PELO CÓDIGO  
DO DIREITO DE AUTOR E DOS DIREITOS CONEXOS

**TÍTULO** DICIONÁRIO TEMÁTICO DA LUSOFONIA  
**EDITOR** TEXTO EDITORES, LDA.  
**REVISÃO** LEVI CONDINHO  
**CAPA** TEXTO EDITORES, LDA.  
**PAGINAÇÃO** TEXTO EDITORES, LDA.  
**IMPOSIÇÃO E CHAPAS** TEXTO EDITORES, LDA.  
**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS** NORPRINT, ARTES GRÁFICAS SA.

#### MORADAS

##### PORTUGAL

###### Lisboa

Estrada de Paço de Arcos, 66/66-A  
2735-336 Cacém  
☎ (+351 21) 427 22 00  
Fax: (+351 21) 427 22 01  
Endereço postal  
Apartado 237 • 2736-955 Cacém

###### Porto

Rua Damião de Góis, 45  
4050-225 Porto

###### Coimbra

Qta. dos Militares - Casa da Meada, Armazém 18  
3040-583 Antanho!

Linha do professor

☎ 707 231 231

Internet

Home Page: [www.textoeditores.com](http://www.textoeditores.com)

E-mail: [spe@textoeditores.com](mailto:spe@textoeditores.com)

##### ANGOLA

Rua Sebastião Desta Vez, Nº 15  
Bairro Valódia  
Luanda  
☎ (+244 222) 43 08 80  
Telefax: (+244 222) 44 38 19  
E-mail: [info@textoeditores.ao](mailto:info@textoeditores.ao)

##### CABO VERDE

Prédio Gomirmãos, 1.º Esq.  
Caixa Postal 16A  
Praia  
☎ (+ 238 ) 262 26 96  
Fax: (+238 ) 262 26 63  
E-mail: [caboverde@textoeditores.com](mailto:caboverde@textoeditores.com)

##### MOÇAMBIQUE

Avenida Armando Tivane, 1430  
Bairro da Polana  
Maputo  
☎ (+258 1) 49 90 71  
Fax: (+258 1) 49 86 48  
E-mail: [info@textoeditores.com](mailto:info@textoeditores.com)



**Texto Editores**

[www.textoeditores.com](http://www.textoeditores.com)

©1999 TEXTO EDITORES, LDA.

Lisboa, Novembro 2005

1.ª Edição

ISBN 972-47-2935-4

Depósito Legal

n.º 235 025/05

Luanda, Novembro 2005

1.ª Edição

Registado na Biblioteca Nacional

de Angola sob o n.º 12/05

Praia, Novembro 2005

1.ª Edição

Maputo, Novembro 2005

1.ª Edição

Registado no INLD sob o

n.º 4611/RLINDL/05

Fernando Cristóvão (Dir. e Coord.), Maria Adelina Amorim,  
Maria Lúcia Garcia Marques, Susana Brites Moita

# DICIONÁRIO TEMÁTICO DA LUSOFONIA



ASSOCIAÇÃO DE CULTURA LUSÓFONA



**Texto Editores**

[www.textoeditores.com](http://www.textoeditores.com)

entusiasmo, por Juan Maragall em finais do século XIX e, sobretudo, no início do século XX.

#### BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Fernanda, «Lees contes en tierra de Carnões. Os Lusíadas y Persiles. Literatura comparada y la lecture literaria» in *Ensayos de Literatura Comparada en Homenaje a Claudio Guillén*, Santiago de Compostela, Editorial Castalia, 1999.
- CABERA DIEGUEZ, Valentín, *Iberismo e Cooperación. Pasado e Futuro da Península Ibérica*, Lisboa, Campo das Letras, 2004.
- MOLINA, Cesar Antonio, *Sobre el Iberismo y Otros Escritos de la Literatura Portuguesa*, Madrid, Akal, 1990.
- MORÁN, Fernando, «Perspectivas entre Espanha y Portugal. Proximidad psicológica, desconocimiento, vocación de memorias», in *Cadernos do IEP*, n.º 2, 2.º trimestre, Lisboa, 1987.
- NAVARRO BROTON, Victor, «Los pueblos ibéricos y la ciencia renascentista» in *Boca Bilingue*, n.º 9, Lisboa, Outubro 1993.
- RODRIGUES, Maria Idalina Resina, *Estudos Ibéricos. Da Cultura à Literatura, Séculos XIII a XVII*, Lisboa, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1987.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol. III, Lisboa, Verbo, 1978.
- SULLIVAN, Edward J., *Baroque Painting in Madrid*, Madrid, Columbia University of Missouri Press, 1986.
- TORRE GOMEZ, Hipólito (coord.), *Espanha y Portugal. Siglos IX-XX*, Madrid, Editorial Síntesis, 1998.
- TORRE GOMEZ, Hipólito, e VICENTE, António Pedro (coord.), *Espanha y Portugal. Estudos da História Contemporânea*, Madrid, Complutense, 1998.
- VICENTE, António Pedro, *Espanha e Portugal. Um Olhar Sobre as Relações Peninsulares no Século XX*, Lisboa, Tribuna de História, 2003.

A. P. V.

## Património Português nos Estados Unidos

A primeira fase significativa da emigração portuguesa para os Estados Unidos está intimamente ligada à baleagem. Nos meados do século XIX os barcos baleeiros da Nova Inglaterra recrutavam parte das suas tripulações nos Açores e em Cabo Verde. De regresso ao porto, muitos marinheiros desertavam e fixavam-se em terra, sobretudo na cidade de New Bedford.

No caso da Califórnia foi a Corrida ao Ouro, em 1849, que incentivou uma volumosa chegada de portugueses, muitos deles desertando também de barcos baleeiros em São Francisco.

Quanto ao Havai, a terceira grande zona de fixação portuguesa, encontravam-se já aí algumas centenas de antigos baleeiros quando em 1878 se fomentou uma emigração portuguesa sistemática, com levas de açorianos e madeirenses destinados às plantações de cana-de-açúcar.

Extremamente conservadora, a comunidade portuguesa, de forte componente açoriana, tem-se ao longo de décadas esforçado por manter os usos e costumes levados do outro lado do Atlântico. Nas ruas «portuguesas» de New Bedford, Fall River, Providence, Newark, em muitos

menor escala de San José e San Diego, assim como de outras cidades, o trajar marca a origem das pessoas de mais avançada idade que por elas circulam. A arquitectura portuguesa não foi mantida, mas com frequência as residências são decoradas com azulejos representando o Senhor Santo Cristo dos Milagres e imagens de Nossa Senhora de Fátima. Na frente de algumas casas californianas, em vez das habituais flores, podem observar-se pequenos canteiros de couves, favas ou inhames. Numerosos minimercados proporcionam produtos tradicionais, como sardinhas, polvo, bacalhau, massa sovada, linguiça ou queijo de São Jorge, assim como vinhos, cervejas, guardentes e refrigerantes portugueses. A gastronomia caseira, ou a dos muitos restaurantes típicos, inclui pratos como caçolla, bacalhau à Gomes de Sá ou bife à portuguesa. Vários destes restaurantes oferecem sessões de fados.

As festas portuguesas atraem multidões. A mais famosa é a do Divino Espírito Santo, celebrada em todas as cidades de presença lusa. O programa consiste num desfile em que participam filarmónicas, os pendões dos vários «salões» portugueses, andores, as rainhas da festa, da cidade e de localidades vizinhas, acompanhadas das suas aias, na coroação da rainha ou do imperador, nas «sopas» (carne, pão e repolho) servidas a todos os assistentes, nas «arrematações» de produtos oferecidos e guardados até então no «império», num bodo de leite e na chamarrita dançada com o acompanhamento de uma pequena orquestra local. Em algumas cidades da Califórnia, na segunda-feira seguinte à celebração principal, tem por vezes lugar uma tourada.

Outras festas de renome são as do Senhor da Pedra, organizada por micaelenses em New Bedford, a do Senhor Santo Cristo dos Milagres, promovida também por micaelenses em Fall River, e a de Nossa Senhora dos Milagres, levada a efeito por terceirenses na pequena cidade californiana de Gustine. Em todas estas festividades celebram-se missas em português.

Desde o último quartel do século XIX têm-se publicado jornais e revistas em língua portuguesa, alguns deles de notável duração e qualidade. Junto com grande número de programas de rádio e algumas tentativas televisivas, constituem um precioso veículo de informação sobre eventos pátrios e comunitários.

São igualmente desta época e mantidas até hoje as várias sociedades fraternais da Nova Inglaterra e da Califórnia. Criadas nos primeiros tempos como incipientes associações de socorros mútuos, adquiriram com o decorrer dos anos a feição de poderosas companhias de seguros vocacionadas também para actividades sociais e culturais.

O falar emigrante é marcado por uma forte anglicização. O «portinglês» é a língua franca da comunidade, caracterizada por certo impacto no sintaxe mas sobretudo pela criação de um léxico híbrido, que engloba vocábulos como «açucrim» (gelado), «blanqueta» (cobertor), «bia» (cerveja), «escola alta» (escola secundária), «Pataca» (a cidade de Pawtucket) ou «as Crismas» (o Natal) e abarca a curiosa assimilação fonemática

como por exemplo «Buraquinho» (Burger King), «alferes» (Welfare) ou «inacinho» (o analgésico Anacin).

Desde os finais do século XIX tem-se desenvolvido uma apreciável literatura emigrante, com forte predomínio da poesia, sobretudo popular, mas também com incursões pelo conto, crónica e romance, toda ela reflectindo o choque da ambientação ou a nostalgia pelo que se deixou atrás.

Num balanço geral poderia afirmar-se que durante cerca de século e meio os portugueses dos Estados Unidos têm consistentemente mantido a imagem de um grupo ordeiro, laborioso e conformista, passível de ascender a confortáveis níveis socioeconómicos mas sempre aferrado à sua cultura de origem.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos, *Portuguese Immigrants*, San Leandro, Califórnia, 1978.
- DIAS, Eduardo Mayone, *A Presença Portuguesa na Califórnia*, Rumford, Rhode Island, 2002.
- PAP, Leo, *The Portuguese Americans*, Boston, Massachusetts, 1981.
- PINHO, Hélder, *Portugueses na Califórnia. História e Quotidiano de uma das mais Vivas Comunidades Portuguesas no Mundo*, Lisboa, 1978.
- RIBEIRO, Rosalie Teixeira, *Présence luso-américaine aux États Unis: un problème de visibilité*, dissertação de doutoramento apresentada à Université de Paris IV Sorbonne em 1998.
- ROGERS, Francis M., *Americans of Portuguese Descent: A Lesson in Differentiation*, Beverly Hills, Califórnia / Londres, 1974.

EMD

## Património Português na Etiópia

É admissível falar de um «património português na Etiópia», no sentido em que as memórias locais da presença de uma pequena comunidade católica de origem indo-portuguesa, no Norte daquele país, nos séculos XVI e XVII, ali continuam vivas e as marcas culturais que as corporizam são ainda hoje reconhecíveis, apesar de não se encontrarem sujeitas a quaisquer políticas de preservação patrimonial. O imaginário colectivo que as preserva é, por razões que se prendem com a história política da época contemporânea na Etiópia, especialmente actuante na província de Gondar, a antiga capital do reino cristão, e, em menor medida, em Adwa.

Na sequência de uma devastadora guerra contra os invasores muçulmanos (1531-1543), que trouxe um grande prestígio aos militares portugueses sobreviventes do corpo expedicionário comandado por Cristóvão da Gama, chegou à Etiópia, em 1557, um primeiro grupo de missionários jesuítas, cuja função foi, originalmente, prover às necessidades espirituais da pequena comunidade católica, composta por portugueses e indianos, e pelos seus descendentes, na região de Adwa (Fremona). A sua influência na Corte aumentou lentamente ao longo de meio século e

nação teológica e à qualidade da sua actuação na intriga política, mas também às expectativas autóctones de apoio militar e técnico português, aos conhecimentos de arquitectura e engenharia proporcionados pelo irmãos leigos vindos da Índia e, em particular, à introdução das técnicas de construção em alvenaria. A expulsão dos missionários, em 1634, durante a guerra político-religiosa que opôs católicos seguidores do *negusa negast* («rei dos reis») Susenyos e os seus opositores ortodoxos, correspondeu uma sistemática destruição de grande parte dos vestígios materiais da sua presença: o interior das igrejas e das residências foi pilhado, os objectos litúrgicos católicos foram destruídos e os livros foram queimados. A documentação etíope contemporânea produzida pelos vencedores ortodoxos procurou activamente obliterar a memória e a influência da presença jesuíta na Etiópia.

Ainda assim, na região de Dembya, nas proximidades de Gondar e do lago Tana, assim como nas terras do Gojam, que circundam o Nilo Azul, encontram-se, espalhados na paisagem montanhosa, enigmáticos conjuntos monumentais, hoje arruinados. Seja em Enfraze, em Danq'aze, em Gorgora ou em Debra May, trata-se sempre de um mesmo modelo construtivo: no centro de uma grande cerca de pedra amuralhada, um castelo de planta quadrada ergue-se no cimo de uma colina. A uma distância variável destas estruturas defensivas, encontramos também ruínas de igrejas de traça católica europeia, por vezes ostentando elementos decorativos de origem gujarati.

Boa parte destas estruturas terá sido construída após 1620, durante a parte final do reinado de Susenyos. Estes monumentos, abandonados há séculos, são testemunhas silenciosas das guerras que assolaram a Etiópia, neste período. A região em torno do lago Tana foi, nos séculos XVI e XVII, palco de trágicos confrontos entre populações judaicas, muçulmanas, cristãs e pagãs, e o proselitismo dos missionários católicos num reino maioritariamente cristão mas ortodoxo, acabou por se tornar, ela própria, factor suplementar de instabilidade. Após um breve período de aparente sucesso, marcado pela conversão do soberano etíope ao Catolicismo, em 1620, os Jesuítas acabaram por ser perseguidos, mortos ou expulsos do país, e as igrejas católicas foram destruídas e pilhadas pelos militantes ortodoxos.

A igreja católica de Mertule Maryam e as catedrais de Gorgora e Danq'aze são obras imponentes, cuja construção foi possível devido ao empenhado apoio financeiro e político do imperador.

A igreja de Mertule Maryam, no Gojam Central, por exemplo, foi construída num local que havia já sido, nos séculos XV e XVI, um importante centro da resistência imperial à influência crescente do clero etíope. A localização e a história desta igreja mostram que, para avaliar o sucesso dos missionários jesuítas e, genericamente, os *ferenjoch* («francos» ou europeus), na Etiópia, há que compreender que o apoio que os soberanos lhes manifestavam advinha de uma

Ainda hoje, as lendas orais que as populações locais contam a propósito daqueles edifícios evocam uma complexa dinâmica política e cultural. A *afatarik*, ou «história oral», tem grande importância na preservação destas memórias etíopes porque fornece uma perspectiva popular sobre acontecimentos que os historiadores eclesiásticos e da Corte preferiam, muitas vezes, censurar. Os anciãos das aldeias remotas do Norte da Etiópia guardam a memória de lendas, que contam a vida dos imperadores e das suas mulheres, as intrigas de Corte e as guerras religiosas e o efêmero protagonismo de santos e heróis populares. Estes relatos entrecruzam-se com outros que falam da chegada de quatrocentos militares portugueses, comandados por Cristóvão da Gama, num momento em que a civilização etíope cristã se encontrava à beira do aniquilamento, às mãos dos invasores muçulmanos do Reino de Zeila, liderados pelo emir de Harar, Ahmed ibn Ibrahim (o *Granhe*, ou «Canhoto»). Outras histórias referem-se às lutas entre o clero ortodoxo local e os missionários católicos europeus para obter o favor dos imperadores.

Há como que uma topografia mítica nos planaltos etíopes, que parece ainda reverberar com as acções dos exércitos do conquistador muçulmano Ahmed *Granhe*. Os inúmeros incêndios e pilhagens de igrejas levados a cabo nesse período suscitaram várias visões lendárias, que atribuem a este personagem características sobrenaturais, como um gigante em fúria deixando um rasto de destruição por onde passava. Por este motivo, o martírio de Cristóvão da Gama às suas mãos e a vitória final dos cristãos etíopes e portugueses nas redondezas do lago Tana são referências importantes na história oral dos cristãos da região.

As ruínas dos castelos e das igrejas católicas que pontuam a paisagem do Gojam, de Dembeya e de Gondar, parecem sublinhar a própria história da progressão para norte do poder imperial, a partir do Gojam. Segundo uma lenda local, no fim da guerra contra os exércitos do *Granhe*, uma profecia de tons milenaristas foi transmitida ao victorioso soberano cristão: segundo ela, a fundação de uma nova capital da Etiópia, cujo nome começaria com a sílaba *gô*, traria uma nova época de prosperidade e glória à cristandade. Os imperadores teriam então fundado sucessivamente *Glojzara* (em Enfrage), *Gomangué* (em Dank'aze) e *Gorgora* (numa península do lago Tana).

Gondar, cujos primeiros palácios foram construídos segundo o modelo dos castelos de Guzara e *Gomangué*, tornou-se, em meados do século XVII, a capital política do Reino e, simultaneamente, um importante centro religioso e artístico. Fundada pelo imperador *Fasiladas*, na sequência da expulsão dos Jesuítas, Gondar é, ainda assim – e a vários níveis –, o produto de uma original mescla de elementos políticos e culturais, resultantes de vários confrontos civilizacionais, seja ao nível regional (entre a civilização amárica e tigrínia e os povos muçulmanos do Sudeste e os Oromos, provenientes do Sul), seja a nível internacional (entre os cristãos ortodoxos e os lemenitas, por um lado, e com uma presença portuguesa na qual se

A chamada arte gondarina é o produto deste original cruzamento da tradição iconográfica ortodoxa, com influências estéticas e teológicas católicas – não apenas em termos formais (introdução da perspectiva, de novos pigmentos, em novos suportes), mas também em termos de conteúdo (novos motivos, como a imagem de *Maria Hodigitria*, o *Ecce Homo*, entre outros).

O mesmo acontece com a literatura, a filosofia e a teologia etíopes, contemporâneas e posteriores à presença jesuíta no país: marcadas por uma retórica legitimadora da ortodoxia não caldeônica, que caracteriza a fé cristã etíope, devem, ainda assim, ser entendidas à luz do processo de profundo questionamento doutrinário, filosófico e litúrgico que os Jesuítas suscitaram. Neste contexto, há que avaliar o sucesso das seitas duofistas do *K'bate* e do *Karra*, no Gojam e no Tigre, respectivamente, e os conflitos teológicos com os apoiantes da doutrina unionista oficial do *Tewahedo*, que advieram do apoio declarado de alguns imperadores àquelas «heresias», como espelhando a importância, e a permanência, da influência católica na Etiópia – muitos anos depois da expulsão dos Jesuítas do país.

Este património histórico e cultural – que, mais propriamente que português, deverá ser entendido como especificamente jesuíta – tende a não ser assumido institucionalmente na Etiópia. As referências elogiosas que os cristãos etíopes fazem às acções dos militares portugueses naquele país têm um reverso negativo nas histórias que se contam sobre a missão jesuíta na Etiópia. Ela é ainda hoje sentida como estando na origem de um trauma colectivo, que molda a visão que os ortodoxos etíopes têm dos Europeus, já que foi pretextado da sangrenta guerra civil do século XVII. Se o património cultural que resultou da presença portuguesa no país é parte importante da memória histórica etíope, seria ainda assim ingénuo e inadequado olhá-lo como testemunho de uma suposta glorificação dessa mesma presença.

A Etiópia é um país onde praticamente metade da população é muçulmana, onde convivem mais de oitenta línguas e entidades étnicas e onde a desconfiança em relação aos estrangeiros em geral, e aos Europeus em particular, é marcada por uma permanente suspeita perante quaisquer intenções colonizadoras. Assim, as memórias centradas no património português/jesuíta do Norte da Etiópia têm valores diferentes quando interpretadas localmente ou usadas como parte de discursos nacionalistas pan-etíopes. Em todo o caso, as menções lendárias aos militares portugueses e aos missionários jesuítas, e às suas realizações, são pretextos importantes para a (re)organização discursiva da longa história da Etiópia. Quando um etíope afirma que «os Portugueses deixaram o seu sangue na Etiópia», ele pretende sobretudo dizer que a memória da presença portuguesa (como a de judeus e árabes) é um factor justificativo da identidade miscigenada dos *abasha* («abissínios») e das particularidades da sua civilização.

## BIBLIOGRAFIA

- ABIR, Mordechai, *Ethiopia and the Red Sea – the Rise of the Solomonic Dynasty and Muslim-European Rivalry in the Region*, London, Frank Cass, 1980.
- BESHAH, Girma, e AREGAY, Merid Wolde, *The Question of the Union of the Churches in Luso-Ethiopian Relations (1500-1632)*, Lisbon, Junta de Investigações do Ultramar & Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1964.
- PENNEC, Hervé, *Des Jésuites au Royaume du Prêtre Jean (Éthiopie). Stratégies, Rencontres et Tentatives d'implantation (1495-1633)*, Paris, Centre Culturel Guibenkian, 2003.
- RAMOS, Manuel João, e BOAVIDA, Isabel (coords.), *The Indigenous and the Foreign in Christian Ethiopian Art; on Portuguese-Ethiopian Contacts in the 16th-17th Centuries*, Aldershot, Ashgate, 2004.

M. J. R.

## Património Português nas Filipinas

Os Portugueses, no seu processo de expansão através dos mares orientais ao longo do século XVI, conquistaram o sultanato de Malaca em 1511, que logo se transformou numa base essencial para a exploração das regiões asiáticas, que se estendiam mais para leste. O boticário Tomé Pires, na sua *Suma Oriental*, vasto tratado de geografia asiática concluído naquela cidade quatro anos mais tarde, fazia já referência à comunidade dos Luções, povo originário de uma ilha ainda desconhecida, que então estava estabelecida em Malaca. Foi decerto através desta gente que os Portugueses recolheram as suas primeiras notícias sobre as «ilhas dos Luções», que talvez tenham visitado logo de seguida. Contudo, os primeiros contactos documentados de europeus com o mais tarde designado arquipélago das Filipinas foram estabelecidos pela expedição de Fernão de Magalhães, que, em princípios de 1521, atingia o então designado arquipélago de São Lázaro. O português que capitaneava a primeira viagem de circum-navegação do Globo ao serviço de Espanha, aliás, viria a ser morto pouco depois, num confronto com indígenas da ilha de Mactan. Em anos seguintes, embarcações lusitanas contactaram esporadicamente diversas ilhas do sul do arquipélago, sem no entanto se estabelecerem ligações regulares ou entrepostos mercantis, já que nas Filipinas não existiam especiarias ou outros produtos exóticos que atráissem os Portugueses. Os Espanhóis, pelo contrário, na sequência da expedição «magalhânica», vão tentar repetidamente ocupar posições nas ilhas meridionais do arquipélago, a partir das quais pretendiam ter acesso aos lucrativos tráficos asiáticos em que os Portugueses estavam envolvidos. Mas sem sucesso, pois, se era relativamente fácil navegar desde o Novo Mundo para o Extremo Oriente, os Espanhóis não conseguiam atinar com o caminho de regresso ao litoral americano. Uma dessas expedições, a de Ruy López de Villalobos, em 1543, baptizaria o arquipélago das Filipinas, em homenagem ao

dois anos mais tarde, de acordo com o testemunho do cronista António Galvão, o português Pêro Fidalgo desembarcava na Ilha de Lução pela primeira vez, por ocasião de uma viagem entre o Bornéu e o litoral da China. A chegada à Europa de notícias sobre o estabelecimento dos Portugueses em Macau parece ter desencadeado em Espanha uma verdadeira corrida à Ásia Oriental, que teria como consequências de maior vulto a expedição de Miguel López de Legazpi, que em 1564 estabeleceu um sólido reduto espanhol nas Filipinas, e a subsequente viagem de Andrés de Urdañeta, que no ano seguinte descobriria a rota de regresso à América. A partir de então, os Espanhóis estabelecem-se em força nas Filipinas que, rapidamente, hegemonizam, estabelecendo a sua capital em Manila, na Ilha de Lução. A presença portuguesa no arquipélago foi sempre esporádica, mas regular, assumindo sobretudo a forma de viagens mercantis entre Macau e Manila, onde os Portugueses comerciavam produtos chineses, em troca de prata americana. Estas relações, que foram particularmente intensas no período da União Ibérica (1580-1640), desenvolveram-se de forma mais ou menos regular até ao século XIX, tendo por base o intercâmbio de produtos chineses (seda, porcelanas) por géneros alimentícios e por prata americana. Repetidas referências documentais fazem também referência à exportação de artilharia portuguesa, fabricada em Macau, para as Filipinas. Apesar deste relacionamento duradouro, que deu inclusivamente origem a pequenas comunidades portuguesas e/ou macaenses, a Lusofonia não parece ter tido expressão significativa nas Filipinas. Mas a intensidade do relacionamento com Macau parece sugerir a existência nas Filipinas, em colecções públicas ou privadas, de um significativo património móvel, constituído por canhões macaenses, por porcelanas luso-chinesas, por objectos de arte sacra de produção macaense, por livros impressos em prelos portugueses (de que, por exemplo, a Universidade de Santo Tomás, em Manila, possui um fundo considerável), enfim, por exemplares de arte *namban*. Todo este património, contudo, está ainda por catalogar. Entretanto, não se pode negar a extraordinária importância das fontes portuguesas quinhentistas e seiscentistas, escritas e cartográficas, para o estudo da ocupação europeia do arquipélago. Autores como João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, António Galvão, Manuel de Faria e Sousa ou Sebastião Manrique incluíram nas suas obras múltiplas referências às Filipinas. Trata-se de um tema que apenas recentemente começou a merecer a atenção dos investigadores portugueses. Nas próprias Filipinas, a herança portuguesa será hoje sobretudo simbólica, ligada, por um lado, a determinados aspectos do catolicismo local (que, por exemplo, nutre uma especial devoção por Nossa Senhora de Fátima) e, por outro lado, à memória fundacional do português Magellan, como Fernão de Magalhães é localmente designado.

## BIBLIOGRAFIA

GARCIA, José Manuel...